



A DISCIPLINA LINGUÍSTICA DA LIBRAS COMO BASE PARA A FORMAÇÃO INTERLINGUÍSTICA E INTERCULTURAL DE TRADUTORES E INTÉRPRETES

The Subject *Linguistics of Libras* as a Basis for the Interlinguistic and Intercultural Training of Translators and Interpreters

Isaías dos Santos Ildebrand¹

Cristiane Lima Terra Fernandes²

Elis Gorett da Silveira Lemos³

William Dias Silveira⁴

Resumo: Este artigo analisa como a disciplina Linguística da Libras, ofertada no curso Tecnólogo em Tradução e Interpretação da FURG, contribui para a formação interlinguística e intercultural de tradutores-intérpretes. Por meio da análise documental do Projeto Pedagógico do Curso, do plano de ensino e dos planos de aula, investigam-se as concepções de linguagem, diferença e mediação presentes na proposta formativa. Os resultados apontam que a disciplina introduz conteúdos linguísticos fundamentais, como fonologia, morfologia e sintaxe da Libras, e propõe atividades que articulam teoria e prática, favorecendo a construção de competências alinhadas às demandas do campo da tradução e interpretação, bem como a identificação de possibilidades de ampliação formativa.

Palavras-chave: Formação de intérpretes de Libras. Tradução. Libras. Currículo.

Abstract: This article analyzes how the discipline *Linguistics of Libras (Brazilian Sign Language)*, offered in the Technologist Program in Translation and Interpretation at FURG, contributes to the interlinguistic and intercultural training of sign language translators and interpreters. Through documentary analysis of the Course Pedagogical Project, the syllabus, and the lesson plans, the study investigates the conceptions of language, difference, and mediation present in the training proposal. The results indicate that the discipline introduces fundamental linguistic content – such as phonology, morphology, and syntax of Libras – and proposes activities that connect theory and practice, fostering the development of competencies

¹ Doutor em Psicologia pela UFRGS. Doutor em Linguística Aplicada pela UNISINOS. Graduado em Educação Especial. Professor na Universidade Feevale – Escola de Aplicação (FEEVALE). Professor Formador na Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: isaias.brand@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2112-0656>.

² Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela FURG. Graduação em Matemática. Professora Formadora na Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e Coordenadora do Curso Tecnólogo de TILS. E-mail: cristianeterra@furg.br.

³ Doutoranda em Letras pela FURG. Graduação em Educação Especial. Professor Formadora na Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: elisgorettlibras@gmail.com.

⁴ Mestre em Letras pela UFRGS. Graduação em Educação Física. Professor Formador na Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: wdsilveira@furg.br.

aligned with the demands of the translation and interpretation field, as well as identifying possibilities for expanding the training process.

Keywords: Training of sign language interpreters. Translation. Libras. Curriculum

1 Introdução

O Curso Tecnólogo em Tradução e Interpretação da Libras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2024a, 2024b) se insere em um campo formativo ainda em consolidação no Brasil, marcado por desafios históricos no reconhecimento da Libras como língua legítima e no fortalecimento de práticas educacionais bilíngues. Criado com o propósito de atender às demandas por profissionais qualificados para atuar na mediação linguística entre a Libras e o português, o curso articula fundamentos linguísticos, teóricos e éticos que atravessam o campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais (FURG, 2024a). Situado em uma universidade pública federal, o projeto pedagógico da formação busca integrar concepções críticas de linguagem, diferença e acessibilidade, posicionando a atuação do tradutor-intérprete como elemento central para a efetivação dos direitos linguísticos da comunidade surda. Nesse cenário, a organização curricular do curso e suas escolhas pedagógicas revelam como determinadas perspectivas sobre língua, cultura e mediação são incorporadas e traduzidas nos espaços formativos institucionais.

Entre os componentes curriculares ofertados no primeiro módulo do curso, a disciplina Linguística da Libras desempenha papel estratégico ao introduzir os estudantes nos estudos linguísticos da língua de sinais. Por meio da descrição dos níveis fonológico, morfológico e sintático da Libras, a disciplina objetiva oferecer subsídios para o desenvolvimento de uma competência interlinguística, entendida aqui como a capacidade de operar entre sistemas linguísticos distintos com sensibilidade às estruturas linguísticas, aos sentidos produzidos e aos contextos de enunciação (Skliar, 2003; Koch, Elias, 2006; Orlandi, 2009; Ricoeur, 2013; Esqueda, 2018). Ao mesmo tempo, ao reconhecer a Libras como prática social e culturalmente situada, essa formação demanda uma abordagem que potencialize também a competência intercultural, ou seja: a habilidade de mediar sentidos entre sujeitos atravessados por pertencas identitárias, marcas históricas e regimes de visibilidade diversos. Assim, a disciplina em questão constitui uma das primeiras oportunidades de tematizar a relação entre língua, cultura e tradução, sendo fundamental para a constituição de um olhar crítico sobre os processos de mediação linguística em contextos bilíngues e multiculturais.

A análise da disciplina Linguística da Libras torna-se relevante na medida que permite compreender como os processos formativos orientam a construção das competências interlinguística e intercultural, fundamentais à atuação tradutória. Autores como Orlandi (2009) e Ricoeur (2013) reforçam que a linguagem não é apenas uma estrutura formal, mas um campo de disputas de sentido, enraizado em contextos históricos e ideológicos. Nesse sentido, a formação do tradutor-intérprete da Libras exige mais do que o domínio técnico da língua: requer uma escuta sensível à alteridade (Skliar, 2003), aos entrelugares culturais (Bhabha, 1998) e às vozes historicamente silenciadas (Hall, 2003). A disciplina analisada, ao tratar da estrutura linguística da Libras, carrega o potencial de se constituir como um espaço inaugural para tais reflexões, desde que conectada às práticas discursivas e aos desafios ético-políticos da mediação linguística. Assim, discutir sua organização, metodologias e alcances formativos é também contribuir para a construção de propostas pedagógicas mais situadas e responsivas às singularidades do campo.

Para tanto, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a disciplina Linguística da Libras, no contexto do curso Tecnólogo em Tradução e Interpretação da FURG, contribui para a formação interlinguística e intercultural de tradutores-intérpretes de Libras. Busca-se compreender em que medida os documentos institucionais e os planos de aula mobilizam concepções de linguagem, diferença e mediação cultural em suas propostas formativas. A partir dessa perspectiva, a pergunta que orienta a investigação é: como a disciplina Linguística da Libras articula os fundamentos linguísticos, teóricos e pedagógicos para formar intérpretes capazes de atuar criticamente na mediação entre Libras e português, em contextos marcados por pluralidade cultural e complexidade discursiva?

A investigação se estabelece na análise documental do Projeto Pedagógico do Curso Tecnólogo em Tradução e Interpretação da Libras, do plano de ensino e dos planos de aula da disciplina Linguística da Libras (FURG, 2024a, 2024b, 2025), com ênfase nos elementos que evidenciam concepções de linguagem, organização didático-pedagógica e práticas formativas. O texto está estruturado em quatro seções principais: a primeira apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a análise, com foco na linguagem como prática social, nos estudos da tradução e na formação de tradutores-intérpretes. A segunda detalha os caminhos metodológicos adotados, com base na análise documental. A terceira traz os resultados e a discussão, organizados em torno de quatro eixos de análise. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais, nas quais se retomam as contribuições do estudo e apontam-se possibilidades para o fortalecimento da formação crítica e situada de intérpretes de Libras.

2 Fundamentos discursivos, tradutórios e linguísticos na formação interlinguística e intercultural em Libras

A compreensão da formação interlinguística e intercultural de tradutores-intérpretes de Libras exige um percurso teórico que articule diferentes campos do conhecimento, dada a natureza múltipla da linguagem em contextos bimodais e bilíngues. Para isso, recorre-se a autores que problematizam a linguagem como prática discursiva (Orlandi, 2009; Bakhtin, 2003) e a constituição relacional da identidade (Hall, 2003; Bhabha, 1998), bem como a construção de sentidos no uso linguístico (Koch, 2015; Koch & Elias, 2006). Esses aportes, reunidos na seção 2.1, permitem situar a Libras como língua em suas dimensões histórica, ideológica e enunciativa, deslocando modelos de ensino pautados exclusivamente na estrutura gramatical. Assim, em vez de tratar a língua de sinais como um sistema paralelo ao português, presume-se que sua aprendizagem e uso demandam uma escuta das alteridades que nela se inscrevem, o que implica conceber a tradução como prática situada e a formação como espaço de mediação crítica entre línguas, culturas e sujeitos.

Essa perspectiva exige, ainda, um deslocamento em relação às abordagens tradicionais dos Estudos da Tradução, razão pela qual a seção 2.2 mobiliza autores que discutem o papel do tradutor em contextos marcados por assimetrias culturais, sensoriais e epistemológicas (Venuti, 2021; Ricoeur, 2013; Snell-Hornby, 2006; Mohamad, 2024). A partir dessa base, a tradução deixa de ser vista como transposição de signos e passa a ser compreendida como prática de hospitalidade linguística e de negociação cultural. Já na seção 2.3, os aportes de Ferreira-Brito (1995), Quadros (2004, 2013) e Skliar (1998, 2003), entre outros, permitem refletir sobre os modos de organização da Libras enquanto língua visuoespacial e sobre os efeitos da diferença surda na formação do intérprete. Ao considerar também autores como De Meulder *et al.* (2019) e Ildebrand e Fronza (2023), discute-se como a disciplina Linguística da Libras pode operar

como eixo articulador entre teoria linguística, experiência comunitária e práticas pedagógicas comprometidas com a escuta da diferença.

2.1 Linguagem, língua e interlinguismo

A compreensão da linguagem enquanto prática social situada exige que se ultrapassem modelos descritivos baseados exclusivamente em estruturas gramaticais ou léxicas. Quando se considera a Libras como uma língua visuoespacial, esse deslocamento se torna ainda mais evidente, pois os sentidos se constroem simultaneamente em múltiplos planos (espacial, gestual, expressivo e discursivo). De acordo com Orlandi (2009), a língua constitui o sujeito, uma vez que este se inscreve na linguagem por meio de processos históricos e ideológicos que organizam a produção de sentidos. Assim, na formação de tradutores-intérpretes de Libras, não se trata apenas de desenvolver habilidades técnicas, mas de favorecer o reconhecimento dos modos pelos quais sujeitos surdos e ouvintes constituem-se linguisticamente em diferentes práticas discursivas. Se os sentidos não preexistem ao uso da língua, mas se produzem na relação com o outro, como sugere Bakhtin (2003), a formação interlinguística precisa assumir esse tensionamento como base epistemológica.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 como meio legal de expressão e comunicação da comunidade surda no Brasil, configura-se como uma língua natural de modalidade visuoespacial, com gramática própria e estrutura distinta daquela que se observa nas línguas orais-auditivas. Sua organização envolve simultaneidade, iconicidade e uso do espaço, articulando expressão facial, corporal e gestual na produção dos sentidos. Como observam Quadros, Silva e Royer (2020), a Libras deve ser compreendida em seus próprios termos, respeitando suas marcas de visualidade e sua historicidade. Nesse sentido, a formação de tradutores-intérpretes requer o reconhecimento da Libras como língua legítima e complexa, o que implica romper com concepções reducionistas e promover abordagens que valorizem sua materialidade linguística e sociocultural.

Ainda que a leitura de um texto sinalizado e sua respectiva interpretação para o português possam ser descritas em termos de equivalência, esse modelo não dá conta da complexidade do processo, pois ignora os efeitos de sentido produzidos no interior das relações sociais e culturais. Como afirmam Koch e Elias (2006), a construção de sentidos depende da relação entre sujeito, linguagem e mundo, sendo mediada por fatores cognitivos, textuais e contextuais. Quando o tradutor-intérprete compreende que cada sinal em Libras não carrega um significado estável, mas sim um campo de possibilidades mobilizado por sua enunciação, ele precisa operar não apenas com os códigos linguísticos, mas também com os marcadores de intencionalidade, referência espacial e posicionamento discursivo. Quando a leitura e a escuta visual se entrelaçam, os sentidos só se estabilizam provisoriamente, à custa de escolhas interpretativas realizadas na relação entre línguas e sujeitos, e não entre signos isolados.

A própria noção de identidade linguística se mostra problemática caso se desconsidere o seu caráter relacional e discursivo. Hall (2003), ao tratar da identidade cultural na contemporaneidade, evidencia que os sujeitos não são portadores de identidades fixas, mas negociam seus pertencimentos em discursos que atravessam fronteiras de classe, etnia, gênero, geração e língua. Bhabha (1998), ao discutir o interstício como espaço de enunciação, propõe que os processos culturais se constituem na articulação entre diferenças, e não na simples oposição entre polos homogêneos. Nesse sentido, pensar a formação interlinguística a partir da Libras implica entender a língua de sinais não como sistema fechado ou alternativo, mas como

prática enunciativa que ocupa um espaço entre línguas, atravessado por múltiplas vozes e disputas de sentido. A Libras, portanto, não apenas reflete uma identidade surda, mas a produz e negocia, conforme os sujeitos se inserem em diferentes regimes de visibilidade e escuta.

Se a linguagem é constituída por essa multiplicidade de vozes e posições, conforme argumenta Bakhtin (2003), os sentidos emergem do encontro conflituoso entre elas, e não de uma unidade prévia. Essa concepção dialoga com as análises de Orlandi (2009), que situam a produção de sentido nos deslizamentos entre discurso e ideologia, e com as contribuições de Hall (2003) e Bhabha (1998), para quem a linguagem é atravessada por relações de poder, deslocamentos e negociações culturais. Koch (2015) reforça que a linguagem não é um espelho do mundo, mas um instrumento de interpretação e construção do real, o que exige do intérprete e do tradutor a atenção constante às condições de produção e recepção dos enunciados. Diante disso, a formação interlinguística não pode ser compreendida como simples trânsito entre códigos, mas antes como aprendizado de leitura crítica dos discursos, de escuta das diferenças e de posicionamento ético diante dos textos e sujeitos.

Ao reconhecer que a Libras é mais do que um código linguístico alternativo ao português, mas uma língua plena de sentidos, histórias e enunciadores, abre-se espaço para que sua análise linguística não se restrinja aos aspectos formais. Essa abordagem permite compreender que o ensino da disciplina Linguística da Libras, quando articulado a uma perspectiva discursiva, pode contribuir para a formação de tradutores-intérpretes capazes de atuar nos entrelugares das línguas e das culturas. Essa formação não se faz apenas pela aquisição de terminologias técnicas, mas pelo exercício de compreender como os discursos se constituem, se deslocam e se confrontam. A partir dessa compreensão, pode-se avançar na discussão sobre a tradução como mediação linguística e cultural, tema que será abordado na seção seguinte.

2.2 Estudos da Tradução e mediação intercultural

Ao considerar a formação de tradutores-intérpretes de Libras, é preciso reconhecer que a tradução, enquanto prática discursiva, não se reduz à equivalência entre unidades linguísticas. Conforme Venuti (2021), o tradutor permanece muitas vezes invisível, justamente porque se espera dele uma neutralidade que oculte as marcas da mediação. No caso da Libras, essa invisibilidade assume formas ainda mais complexas, dado que a tradução entre línguas de modalidades distintas (visuoespacial e oral-auditiva) envolve também a mediação de regimes sensoriais e epistemológicos. Quando a formação insiste em modelos normativos ou mecanizados, ela ignora que a prática tradutória é atravessada por decisões ideológicas. Por essa razão, à medida que se forma um tradutor-intérprete para atuar entre Libras e português, torna-se imprescindível considerar que a própria noção de fidelidade é insuficiente, uma vez que cada escolha tradutória implica um posicionamento diante das vozes, das culturas e das condições de enunciação que se entrelaçam no processo.

A proposta de Paul Ricoeur (2013), ao compreender a tradução como hospitalidade linguística, oferece um deslocamento ético fundamental: o tradutor não apenas recebe a língua do outro, mas se deixa afetar por ela, renunciando à completude da compreensão. Essa postura é especialmente relevante quando se pensa na relação entre línguas que não compartilham as mesmas bases fonológicas ou sintáticas, como é o caso da Libras e do português. Se o tradutor

se coloca no lugar do anfitrião,⁵ conforme sugere Ricoeur, ele precisa reconhecer que jamais poderá traduzir sem perdas, e que cada mediação é um gesto de escuta e responsabilidade. Assim, enquanto a técnica pode ser ensinada por meio de práticas formais, a escuta ética requer a formação de um sujeito tradutor atento às marcas de alteridade inscritas em cada enunciado. Essa perspectiva afasta a ilusão da transparência e aproxima o tradutor de um compromisso com a linguagem como relação.

A virada cultural nos Estudos da Tradução, conforme analisada por Snell-Hornby (2006) e retomada criticamente por Mohamad (2024), reposiciona o foco da equivalência linguística para os contextos culturais que permeiam os textos. Essa mudança é decisiva na formação de tradutores-intérpretes de Libras, pois não se traduz apenas o que é dito, mas o modo como se significa em uma língua cuja materialidade é gestual, espacial e simultânea. Ao enfatizar que o tradutor opera em contextos marcados por assimetrias culturais, Mohamad (2024) evidencia os limites de uma abordagem exclusivamente textual e propõe que os tradutores sejam formados para ler e intervir em sistemas de significação múltiplos. Nessa mesma direção, Lahiani (2025) argumenta que a tradução de linguagens não verbais, como as expressões poéticas visuais ou corporais, exige um olhar sensível às camadas de sentido que escapam à literalidade. Quando a formação reconhece esses desafios, ela passa a considerar o corpo, o gesto e o olhar como elementos constituintes do discurso.

Se Pym (2020) propõe que a competência tradutória envolve uma negociação constante entre fidelidade e funcionalidade, isso se torna ainda mais evidente na prática com a Libras, em que o tradutor precisa adaptar, reorganizar e, muitas vezes, reconstruir o texto para que ele se torne compreensível ao público-alvo. Essa adaptação não é uma falha do processo, mas uma resposta à complexidade da tarefa tradutória, que requer domínio linguístico, conhecimento cultural e decisões pragmáticas. Esqueda (2018), ao tratar das culturas pedagógicas do ensino de tradução, chama atenção para o fato de que formar tradutores não significa apenas ensinar técnicas, mas criar espaços para que os sujeitos desenvolvam consciência crítica dos contextos sob os quais traduzem. Isso implica reconhecer que cada contexto tradutório demanda uma escuta específica e uma resposta situada, de modo que a formação deve articular teoria, prática e reflexão contínua sobre os sentidos produzidos na mediação entre línguas.

A formação interlinguística e intercultural de tradutores-intérpretes de Libras, portanto, precisa ser compreendida não como um acúmulo de técnicas ou um domínio lexical entre dois sistemas linguísticos, mas como um processo formativo que articula ética, política e linguagem. À medida que os Estudos da Tradução se distanciam de uma concepção de neutralidade e se aproximam das práticas de mediação crítica, torna-se evidente que traduzir é um ato político, atravessado por contextos históricos e culturais. Esse entendimento precisa ser aprofundado e pode oferecer subsídios concretos para essa formação ao articular os conhecimentos linguísticos da Libras com as demandas tradutórias e interculturais que atravessam o trabalho dos intérpretes em sua prática cotidiana.

⁵ O conceito de “anfitrião” é apropriado no contexto da hospitalidade linguística proposto por Paul Ricoeur (2013), que usa essa metáfora para expressar a relação ética do tradutor com a língua do outro: o tradutor acolhe o texto como um anfitrião acolhe um estrangeiro, sem exigir que ele abandone completamente sua diferença.

2.3 Linguística da Libras e formação de tradutores-intérpretes

Ainda que a Libras já seja reconhecida legal e linguisticamente como língua, sua descrição gramatical ainda demanda enfrentamentos metodológicos, sobretudo quando vinculada à formação de tradutores-intérpretes. Como apontam Quadros, Silva e Royer (2020), a simultaneidade, a organização espacial e a visualidade própria da Libras exigem abordagens analíticas que se distanciem dos modelos lineares da linguística oral-auditiva. Nesse cenário, a disciplina *Linguística da Libras* constitui uma porta de entrada para o repertório teórico e descritivo necessário à atuação tradutória, oferecendo aos estudantes um primeiro contato tanto com os parâmetros estruturais da língua de sinais quanto com os debates que os atravessam. Ainda que se trate de um componente inicial, sua função não se resume à transmissão de conteúdos técnicos, já que, ao articular teoria e prática, ela permite que o intérprete em formação compreenda as implicações linguísticas e éticas de suas escolhas. Assim, esse espaço curricular torna-se eixo formativo entre o domínio da língua e a escuta atenta da diferença.

Quando Ferreira-Brito (1995) propõe uma gramática da língua de sinais, ela o faz considerando que a descrição da Libras não pode seguir os mesmos moldes das línguas orais-auditivas, pois opera com articulações simultâneas e gestuais. É nessa diferença estrutural que reside um dos principais desafios da formação de intérpretes: compreender que a equivalência entre Libras e português raramente será linear. Ao estudar os parâmetros linguísticos, como configuração de mão, movimento, orientação e expressão facial, os acadêmicos aprendem a reconhecer como o sentido se constrói de forma multimodal. Embora essa estrutura seja passível de sistematização, sua produção em contexto exige do intérprete decisões rápidas e coerentes com o discurso sinalizado. Assim, a Linguística da Libras deixa de ser apenas uma disciplina introdutória para se tornar um espaço de análise crítica da própria mediação, permitindo que os intérpretes não apenas sinalizem, mas compreendam o que está em jogo em cada enunciação.

Se pensarmos que a atuação tradutória se dá em espaços atravessados por regimes de poder e circulação de discursos, como alerta Skliar (1998), não se pode formar tradutores-intérpretes sem considerar a surdez como diferença e a Libras como enunciação. Uma vez que a disciplina aborda temas como variação linguística, tipos verbais e usos espaciais (Quadros, 2004), torna-se possível discutir como o sujeito surdo se inscreve linguisticamente de forma diversa, o que exige do intérprete atenção às condições discursivas da produção. A tradução, nesse sentido, não se limita à correspondência lexical, mas opera como prática de leitura da alteridade. Quando o sujeito ouvinte que se forma tradutor é exposto a essas discussões, ele se vê diante de uma língua que, por estar ancorada no corpo e no espaço, resiste a formas padronizadas de organização. Essa resistência, por sua vez, pode se tornar condição de elaboração de estratégias interpretativas mais implicadas com os contextos sociais.

A multiplicidade de práticas linguísticas no interior da própria comunidade surda, conforme argumentam De Meulder *et al.* (2019), desafia qualquer tentativa de normatização prescritiva da Libras, especialmente quando essa tentativa desconsidera os usos reais da língua. Nesse cenário, o conceito de translíngua não pode ser ignorado na formação de intérpretes, pois revela como sujeitos surdos acionam diferentes repertórios, incluindo sinais caseiros, gestos e português sinalizado para compor seus discursos. Ao lidar com essa complexidade, a disciplina Linguística da Libras pode funcionar como espaço de análise desses movimentos linguísticos, desde que não se prenda a modelos homogêneos. Como apontam Ildebrand e Fronza (2023), práticas formativas que acolhem as marcas da diferença e que se comprometem com o uso situado da Libras produzem efeitos mais amplos na constituição de aprendizes

atentos aos modos de dizer dos sujeitos com quem atuam. Isso exige, contudo, uma pedagogia crítica e responsiva, não apenas descritiva.

Compreender a gramática da Libras, portanto, é uma das tarefas que ultrapassa a simples memorização de estruturas formais, pois requer que o futuro intérprete reconheça que toda operação tradutória envolve a escuta da diferença e a mediação de sentidos que nem sempre são previsíveis. Quando pensada a partir de uma perspectiva linguística e discursiva, como propõem Quadros (2013) e Skliar (2003) em seus estudos ao considerar a comunidade surda, a disciplina deixa de ser um componente somente técnico e passa a ocupar um lugar estratégico na formação interlinguística. Nesse ponto, torna-se possível afirmar que a Linguística da Libras pode preparar o intérprete para lidar com os desafios da tradução em contextos reais, marcados por relações assimétricas, deslocamentos culturais e instabilidades enunciativas. Essa preparação, contudo, não se limita à dimensão teórica, razão pela qual, na próxima seção, propõe-se uma análise documental do Projeto Pedagógico do Curso Tecnólogo em Tradução e Interpretação da Libras (FURG, 2004a), bem como dos planos de aula da disciplina *Linguística da Libras* (FURG, 2025), com o objetivo de compreender como os fundamentos interlinguísticos e interculturais discutidos até aqui se materializam tanto na proposta formativa quanto na organização didático-pedagógica do curso.

3 Caminhos Metodológicos: a análise documental

Esta investigação adota a análise documental como estratégia metodológica qualitativa, uma vez que se trata de um procedimento adequado à compreensão de como os fundamentos interlinguísticos e interculturais se materializam nos registros oficiais do Curso Tecnólogo (FURG, 2024a, 2024b, 2025). Conforme argumentam Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a análise documental envolve a interpretação crítica de registros escritos, considerando o contexto de produção, seus objetivos e as relações sociopolíticas que os atravessam. Para Cellard (2008), a leitura dos documentos exige não apenas descrição, mas atenção às condições institucionais e discursivas que os fundamentam, o que faz do PPP e dos planos de ensino do curso fontes privilegiadas para analisar como operam concepções de linguagem, diferença e tradução na formação de tradutores-intérpretes.

O corpus documental analisado compreende o Projeto Pedagógico do Curso (2024a, 2024b), o plano de ensino e oito planos de aula da disciplina Linguística da Libras (FURG, 2025). Conforme sintetizado no Quadro 1, esses documentos variam em extensão e detalhamento, sendo que o PPP está organizado por eixos curriculares, enquanto os planos de ensino e aula concentram-se nos objetivos, conteúdos, estratégias didáticas e recursos utilizados ao longo do primeiro módulo do curso (FURG, 2024a). A análise integrada desses materiais permitiu identificar os enunciados institucionais que fundamentam a proposta formativa do curso e as práticas pedagógicas efetivadas na disciplina. Enquanto o PPP enfatiza a formação ética, crítica e interlinguística dos futuros tradutores-intérpretes, os planos de aula revelam um investimento consistente na descrição estrutural da Libras. Tal ênfase, adequada ao momento inicial da formação, indica uma orientação que pode ser potencializada pela ampliação de abordagens que considerem a variação e usos reais da Libras, o contato de línguas e a mediação intercultural, especialmente diante da heterogeneidade dos estudantes e da diversidade dos contextos profissionais de atuação.

A leitura dos documentos foi conduzida com base em uma abordagem integrada e interpretativa, orientada pelos princípios da análise documental qualitativa conforme propõem

Cellard (2008) e Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). A atenção recaiu especialmente sobre as seções que tratam das finalidades do curso, do perfil do egresso, da matriz curricular e da organização didático-pedagógica, para que assim se compreendesse como os discursos formativos operam nos diferentes níveis da proposta institucional. A disciplina Linguística da Libras, analisada a partir do corpus da investigação, configura-se como componente estruturante no primeiro módulo do curso, uma vez que apresenta os estudantes aos parâmetros linguísticos da Libras e aos debates iniciais sobre suas particularidades gramaticais, discursivas e tradutórias (FURG, 2024a, 2024b, 2025). Conforme argumentam Cechinel *et al.* (2016), a análise documental requer delimitação criteriosa dos objetos e a articulação entre os enunciados e seus contextos institucionais. Nesse sentido, o presente estudo concentrou-se em examinar como os fundamentos teóricos relacionados à linguagem, à mediação intercultural e à formação interlinguística são acionados nos documentos curriculares da disciplina. Inspirado em Ildebrand (2022), compreende-se que os documentos mencionados não apenas regulamentam o ensino, mas expressam disputas epistemológicas que atravessam a formação e as experiências no contexto da Educação e Inclusão.

A fim de conferir sistematização ao processo de análise, foram elaboradas categorias derivadas da fundamentação teórica e do próprio corpus documental. As categorias foram organizadas em cinco eixos analíticos: (4.1) organização didático-pedagógica, que abrange a estrutura, sequência e intencionalidade dos planos de aula; (4.2) dimensões interlinguísticas, voltadas à relação entre as estruturas linguísticas da Libras e o português; (4.3) mediação intercultural, referente às menções a identidade, diferença e alteridade na formação; e (4.4) práticas formativas e tensionamentos, associadas à articulação entre teoria, prática e desafios observados no ensino da disciplina.

A partir disso, cada documento foi lido de modo integrado e interpretativo, buscando identificar recorrências, lacunas e coerências entre os enunciados institucionais e as práticas pedagógicas propostas. No PPP, por exemplo, destacaram-se trechos que enfatizam a atuação crítica do tradutor-intérprete, enquanto nos planos de aula observaram-se registros de atividades voltadas à descrição e reflexão linguística da Libras. Esses fragmentos foram analisados, permitindo mapear como os discursos sobre linguagem, tradução e diferença se concretizam na prática formativa. Esse procedimento, conforme recomendam Cellard (2008) e Cechinel *et al.* (2016), favorece a coerência entre os dados e os referenciais teóricos, o que torna o estudo mais transparente e passível de replicação em contextos similares de formação.

Ainda que não tenham caráter de generalização, os resultados buscam evidenciar articulações possíveis entre a Linguística Aplicada, os Estudos da Tradução e a formação de tradutores-intérpretes. Conforme Ildebrand (2022), a análise documental pode atuar como ferramenta crítica para ressignificar práticas educativas em linguagem, na medida que os documentos curriculares expressam disputas epistemológicas e políticas sobre o que ensinar, como ensinar e para quem ensinar. Por isso, a escolha metodológica pelo estudo documental justifica-se não apenas pela acessibilidade ao corpus, mas também pela intenção de realizar uma leitura crítica dos discursos formativos que instituem e orientam a prática tradutória em contextos bilíngues e inclusivos.

4 Resultados e discussões: articulando documentos, práticas e sentidos formativos

A seção que se inicia apresenta os achados da análise documental da disciplina Linguística da Libras, com base nos registros institucionais do Curso Tecnólogo em Tradução



e Interpretação da Libras da FURG. Ao considerar a organização didático-pedagógica, as descrições linguísticas propostas, os modos de mediação intercultural e os tensionamentos formativos, buscou-se compreender como se configura a formação inicial de tradutores e intérpretes em uma disciplina que inaugura o percurso formativo no curso. Para tanto, os resultados foram organizados em quatro eixos analíticos: (4.1) organização didático-pedagógica; (4.2) dimensões interlinguísticas; (4.3) mediação intercultural; e (4.4) tensionamentos e possibilidades formativas. Cada eixo aborda aspectos específicos da disciplina a partir da análise de seus documentos oficiais e da interlocução com autores que tratam da linguagem, da tradução e da diferença.

O corpus documental da pesquisa foi constituído pela ementa da disciplina Linguística da Libras, seu plano de ensino, os planos de aula semanais e o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) atualizado. Esses documentos foram analisados qualitativamente, com base em uma leitura interpretativa orientada pelos princípios da Linguística Aplicada crítica e da formação intercultural. Os planos de aula possibilitaram identificar como os conteúdos e estratégias são organizados ao longo do semestre, enquanto a ementa e o plano de ensino apontaram para os conteúdos curriculares previstos e suas articulações teóricas. Já o PPC forneceu diretrizes mais amplas sobre o perfil formativo desejado e os princípios que orientam o curso. A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que sistematiza esses documentos, suas funções no currículo e observações iniciais que orientaram os eixos de análise da seção.

Quadro 1 – Documentos institucionais analisados e suas contribuições para a compreensão da disciplina Linguística da Libras

Documento	Tipo	Ano	Conteúdo principal	Função no curso	Observações analíticas
Ementa	Institucional	2025	Níveis linguísticos da Libras: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica	Define os conteúdos mínimos da disciplina	Ênfase descritiva e técnica; detalhamento situado da dimensão discursiva ou sociocultural
Plano de ensino	Docente	2025	Objetivos, conteúdos programáticos, estratégias e avaliações	Orienta o planejamento do semestre e seus desdobramentos	Indica tentativa de integração entre teoria e prática tradutória
Planos de aula semanais	Docente	2025	Atividades semanais com vídeos, fóruns e exercícios práticos	Guia a organização didática da disciplina	Aponta práticas com potencial formativo, com articulação ao PPC
Projeto Pedagógico do Curso (PPC)	Institucional	2024	Princípios éticos, interculturais e linguísticos da formação	Estabelece o perfil do egresso e os fundamentos do curso	Valoriza a formação crítica, ética e situada dos tradutores-intérpretes

Fonte: Dados organizados a partir dos documentos oficiais do curso (FURG, 2025)

A análise integrada desses documentos permitiu identificar os enunciados institucionais e as práticas pedagógicas efetivadas na disciplina. Enquanto o Projeto Pedagógico do Curso enfatiza a formação de tradutores-intérpretes, os planos de aula revelam um investimento

prioritário na descrição estrutural da Libras, com maior densidade nos níveis fonológico, morfológico e sintático. Essa ênfase é pertinente em nível inicial e evidencia uma orientação formativa que pode ser ampliada para contemplar outras dimensões da linguagem em uso, como a pragmática e os deslocamentos interculturais. Além disso, ao considerar a heterogeneidade dos estudantes, torna-se importante refletir sobre como as atividades e os conteúdos são acessados e ressignificados por sujeitos com trajetórias e experiências distintas.

Com base nesse panorama, a análise dos resultados foi organizada em quatro eixos, que buscam tornar visível a articulação – e por vezes a lacuna – entre os objetivos institucionais da formação e as práticas pedagógicas propostas na disciplina Linguística da Libras. A seguir, examina-se como se deu a organização didático-pedagógica da disciplina, atentando para a estruturação dos conteúdos, as estratégias de ensino-aprendizagem e as formas pelas quais se delineia o percurso formativo dos acadêmicos ao longo do semestre. Essa análise inicial servirá como base para compreender as escolhas metodológicas e curriculares que sustentam os demais eixos investigativos.

4.1 Organização didático-pedagógica da disciplina Linguística da Libras

A análise documental da disciplina Linguística da Libras, componente curricular do Curso, permite compreender como os fundamentos da formação linguística inicial se articulam com a proposta pedagógica do curso. A partir do plano de ensino, da ementa e dos objetivos específicos da disciplina, observa-se uma ênfase na descrição estrutural da Libras, com destaque para os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos. Esses conteúdos são apresentados como base para o desenvolvimento da competência linguística do futuro tradutor-intérprete, especialmente naquilo que se refere ao reconhecimento dos parâmetros visuais e espaciais da língua de sinais. Ainda que se configure como introdutória, a disciplina não se limita à exposição teórica, pois propõe atividades que articulam análise linguística e reflexão crítica sobre o funcionamento da Libras em contextos reais de uso.

É relevante notar que a organização didático-pedagógica da disciplina contempla uma progressão temática que respeita a complexidade da língua de sinais e a sua natureza visuoespacial. A partir dos planos de aula semanais elaborados pelo professor responsável, é possível identificar um percurso formativo que inicia pela noção de língua como prática cultural, avança para os parâmetros fonológicos e culmina em discussões sobre variação, iconicidade e funções sintáticas. Essa distribuição temática revela uma concepção de ensino que busca tanto a sistematização dos elementos linguísticos quanto a inserção crítica dos estudantes nos debates teóricos que atravessam a Linguística da Libras. Ao articular teoria e prática, os conteúdos propostos oferecem subsídios para que os acadêmicos construam um olhar mais atento à estrutura interna da Libras, sem perder de vista sua inserção social e cultural.

Por se tratar de uma disciplina ofertada no primeiro módulo do curso, a Linguística da Libras carrega o desafio de introduzir conteúdos estruturais complexos a um público bastante heterogêneo, que reúne tanto acadêmicos com vivência prévia na atuação como intérpretes quanto iniciantes em Libras. Essa diversidade exige que os conteúdos sejam não apenas apresentados de forma gradual, mas também contextualizados em práticas que dialoguem com as experiências dos alunos. Conforme discutem Skliar (1998) e Ferreira-Brito (1995), a compreensão da língua de sinais não pode se dar de maneira abstrata ou descolada da realidade social em que ela se constitui. É nesse sentido que os planos de aula analisados revelam tentativas de conexão entre a descrição linguística e situações comunicativas concretas, por



meio de vídeos, exemplos sinalizados e exercícios de observação da língua em uso. Para que essa proposta se consolide, é fundamental que os momentos iniciais da formação promovam um contato ético e situado com a Libras e com seus sujeitos. A seguir, apresenta-se o Quadro 2, com uma síntese analítico-reflexiva da organização didático-pedagógica da disciplina com base nos documentos examinados.

Quadro 2 – Síntese analítico-reflexiva da organização didático-pedagógica da disciplina Linguística da Libras

Elemento Analisado	Descrição	Observações Analítico-Reflexivas
Ementa	Apresenta conteúdos relacionados aos níveis linguísticos da Libras: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, com foco na descrição e análise da estrutura linguística.	Abordagem estruturada e técnica, articulação discreta, na ementa, com o contexto sociolinguístico da Libras e com a heterogeneidade dos estudantes.
Objetivos	Compreender os elementos linguísticos da Libras e refletir sobre suas implicações para o trabalho tradutório.	Aponta para uma articulação entre teoria linguística e prática tradutória, mas requer mediação ativa do docente para que esse vínculo se materialize nas atividades.
Conteúdos programáticos	Fonologia da Libras, configurações de mão, expressões não manuais, estrutura de sinais compostos, estrutura frasal e aspectos gramaticais básicos.	Estrutura progressiva dos conteúdos favorece o avanço teórico, mas demanda mais contextualização com o uso real da Libras, conforme apontado por Skliar (2003) e Quadros (2013).
Planos de aula	Organização semanal com uso de videoaulas, fóruns, textos de apoio e exercícios práticos. Atividades focadas na observação e descrição linguística de sinais.	Tentativa de integrar teoria e prática. Necessidade de mais espaços reflexivos para tratar da diversidade de repertórios dos acadêmicos e das situações tradutórias reais.

Fonte: Dados organizados a partir dos documentos oficiais do curso analisados (FURG, 2025).

Os dados reunidos no Quadro 2 revelam que, embora a disciplina busque contemplar os principais níveis linguísticos da Libras, sua organização pode ser potencializada quando se favorece uma articulação com os processos de significação e com as condições discursivas que envolvem a língua de sinais em uso. Conforme propõe Orlandi (2009), a análise da língua ultrapassa os elementos estruturais, pois o sentido se constitui nos atravessamentos ideológicos e nas posições enunciativas dos sujeitos. Nesse contexto, considerar que a disciplina Linguística da Libras está situada no primeiro módulo do curso permite refletir sobre a importância de tornar seus conteúdos acessíveis a estudantes com trajetórias distintas, incluindo intérpretes em formação e iniciantes nos estudos linguísticos. Como observa Ricoeur (2013), o trabalho com a linguagem exige uma escuta atenta às singularidades do outro, o que se fortalece quando a formação contempla a diversidade de experiências e conhecimentos prévios. Quadros, Silva e Royer (2020) contribuem para esse debate ao indicarem que a descrição da Libras requer abordagens metodológicas sensíveis à sua visualidade, simultaneidade e espacialidade – elementos que podem ser explorados desde o início da formação para ampliar a compreensão da língua em seu uso real.

Com base nas concepções de linguagem como prática social e língua como experiência situada, a proposta da disciplina revela um esforço em ampliar a abordagem estrutural por meio de conteúdos que dialogam com o uso real da Libras. A presença de temas como iconicidade, variação linguística e contextos comunicativos nos planos de aula aponta para uma intenção de relacionar a descrição da língua com a experiência dos sujeitos surdos em diferentes espaços

sociais. Quando essas temáticas são integradas às práticas pedagógicas de forma contextualizada, há uma ampliação do repertório teórico dos estudantes e uma aproximação com os desafios da mediação linguística. Nesse sentido, a disciplina pode fortalecer a construção da competência interlinguística ao propor reflexões sobre a língua em uso e sua relação com as condições materiais e simbólicas da enunciação. Essa potencialidade será retomada mais adiante, quando analisarmos como as práticas propostas mobilizam o conhecimento linguístico em diálogo com a tradução e a interpretação.

Nos planos de ensino analisados, nota-se uma abordagem consistente dos níveis fonológico, morfológico e sintático da Libras, o que contribui para que os estudantes compreendam aspectos formais da estrutura da língua. A pragmática apareceu de forma sucinta, sendo tratada por meio de exemplos aplicados ou atividades complementares. Essa constatação convida à reflexão sobre a necessidade de ampliar os espaços dedicados ao estudo da linguagem em contexto, tendo em vista que a pragmática oferece ferramentas importantes para a análise da intenção comunicativa, das relações entre interlocutores e da adequação situacional. Para Koch (2015), compreender a linguagem envolve considerar o modo como os sujeitos constroem sentido nas interações, o que requer do intérprete um olhar atento às condições discursivas da enunciação. Assim, ao pensar a disciplina Linguística da Libras como porta de entrada para o estudo da língua, torna-se possível vislumbrar formas de incluir práticas que favoreçam uma escuta mais apurada dos sentidos em circulação.

A análise até aqui realizada aponta caminhos para o fortalecimento da disciplina, especialmente no que se refere à relação entre conhecimento linguístico e prática tradutória. Compreender essa articulação é fundamental para o desenvolvimento da competência interlinguística, que não se reduz à aplicação de regras gramaticais, mas envolve a capacidade de operar entre sistemas linguísticos distintos a partir de escolhas conscientes e posicionadas. Nesse contexto, torna-se necessário examinar de que maneira as atividades propostas nos planos de aula mobilizam saberes linguísticos e experiências de uso da Libras em situações formativas. A seguir, as práticas didático-pedagógicas que articulam os conteúdos descritivos da língua com a construção da competência interlinguística são discutidas de forma a evidenciar o potencial da disciplina na preparação dos acadêmicos para os desafios da mediação linguística entre Libras e português.

4.2 Dimensões interlinguísticas e descrições linguísticas na formação de tradutores-intérpretes

A construção da competência interlinguística, no contexto da formação de tradutores-intérpretes de Libras, exige que os acadêmicos desenvolvam o domínio técnico das estruturas linguísticas e a capacidade de refletir sobre os modos como os sentidos são articulados entre línguas e sujeitos. Os planos de aula analisados evidenciam essa preocupação ao propor atividades que relacionam os parâmetros da Libras com seus efeitos discursivos em diferentes contextos comunicativos. Essa proposta se alinha à concepção de linguagem defendida por Orlandi (2009), para quem a língua é atravessada por jogos de sentido que não se reduzem à materialidade formal. Quando promove exercícios de observação e comparação entre sinais, ou ao propor análises de enunciados sinalizados em contextos reais, a disciplina oferece aos acadêmicos a oportunidade de reconhecer a língua em uso como campo de disputas interpretativas, o que é essencial à formação de sujeitos tradutores atentos às condições de produção do discurso.

Nesse processo formativo, o deslocamento do foco da equivalência para a escuta torna-se fundamental, pois, conforme sugere Ricoeur (2013), traduzir é antes de tudo um ato de hospitalidade, em que o sujeito se permite afetar pela alteridade do outro. As atividades pedagógicas que exigem a reconstrução do enunciado em língua portuguesa, a partir da leitura de vídeos em Libras, evidenciam esse movimento, na medida que colocam os estudantes diante de decisões tradutórias que vão além da simples substituição lexical. Trata-se de uma escuta visual, em que a simultaneidade, a gestualidade e o uso do espaço desafiam o tradutor a buscar equivalências funcionais e discursivas. Quando bem orientadas, essas atividades favorecem a consciência linguística e permitem que os acadêmicos compreendam que cada decisão tradutória carrega um posicionamento ético diante dos sentidos possíveis. Como destaca Esqueda (2018), o ensino de tradução só se realiza plenamente quando articula teoria, prática e reflexão crítica sobre as condições de enunciação.

A análise das propostas didático-pedagógicas presentes nos planos de aula da disciplina revela que a descrição linguística da Libras é trabalhada por meio de exercícios comparativos, produção de vídeos e atividades de interpretação sinalizada, com ênfase na observação dos parâmetros linguísticos em diferentes contextos. Esses dados indicam que a disciplina busca fomentar a consciência linguística por meio de estratégias que mobilizam tanto a percepção visual quanto a reflexão sobre os usos da língua. No entanto, a presença de acadêmicos com perfis heterogêneos – alguns já atuantes como intérpretes, outros iniciantes nos estudos linguísticos –, demanda que as atividades sejam suficientemente situadas para promover avanços consistentes na formação interlinguística. Como apontam Koch e Elias (2006), a construção de sentidos depende de fatores discursivos e contextuais, sendo necessário que a formação estimule os estudantes a ler os enunciados para além das estruturas. Com base nessa leitura, apresenta-se a seguir o Quadro 3, que sintetiza as atividades propostas, seus objetivos e a relação com os fundamentos teóricos da competência interlinguística.

Quadro 3 – Atividades propostas na disciplina Linguística da Libras e sua relação com a formação interlinguística

Atividade prevista nos planos	Objetivo formativo	Relação com a competência interlinguística	Autor de referência
Análise de vídeos com sinais isolados e frases	Identificar parâmetros fonológicos e estrutura de sinais	Permite observar como a simultaneidade e a espacialidade influenciam a construção dos sentidos	Orlandi (2009)
Produção de vídeos com sinais de categorias específicas	Aplicar conhecimentos morfológicos e sintáticos	Estimula o reconhecimento da estrutura linguística em uso e a consciência do sujeito em relação ao seu posicionamento ao produzir enunciados	Koch e Elias (2006)
Comparação entre sinais semelhantes (mãos, movimentos, expressões)	Desenvolver consciência sobre variação e iconicidade	Enfatiza o papel da interpretação e da escolha na tradução, revelando que os sentidos não são fixos, mas situados	Ricoeur (2013)
Discussão sobre contextos de uso e variação linguística	Refletir sobre diversidade linguística da Libras	Abre espaço para compreender a Libras como língua dinâmica, marcada por escolhas identitárias e culturais	Skliar (2003)
Elaboração e organização de prática de sinalização	Organizar prática de sinalização com base nas disciplinas do primeiro módulo	Desenvolve habilidade de sistematizar conhecimentos a partir da experiência linguística concreta, respeitando as marcas visuais e gestuais da língua	Esqueda (2018)

Fonte: Elaborada pelos autores (2025)

A análise do Quadro 3 permite observar que as atividades propostas na disciplina Linguística da Libras abordam aspectos relevantes para o desenvolvimento da competência interlinguística. As tarefas de análise de vídeos, produção de sinais e comparação entre estruturas linguísticas demonstram um esforço em articular os níveis fonológico, morfológico e sintático com situações de uso real da língua. Conforme Orlandi (2009), a produção de sentido está diretamente relacionada às condições discursivas, o que reforça a necessidade de atividades que exponham os estudantes a contextos concretos de enunciação. Além disso, a inclusão de temas como variação e iconicidade, presentes nos planos de aula, amplia a abordagem estrutural, permitindo aos acadêmicos reconhecer a instabilidade e a diversidade próprias da Libras. Essa perspectiva se alinha à concepção de Koch e Elias (2006), segundo a qual os sentidos são construídos na interação entre sujeitos e textos. Ao promover práticas que exigem reflexão linguística e tomada de decisão, a disciplina contribui para a formação de intérpretes capazes de operar entre línguas com atenção às especificidades da Libras.

Entretanto, essa competência não se realiza apenas no domínio dos sistemas linguísticos, mas na travessia contínua entre fronteiras identitárias, discursivas e culturais. Bhabha (1998), ao discutir o conceito de interstício, sustenta que os sentidos se produzem nos entrelugares, onde a linguagem deixa de ser um espelho da identidade para se tornar campo de negociação. A atuação do intérprete, nesse sentido, exige uma escuta expandida, atenta às marcas de pertencimento e deslocamento que atravessam a Libras como língua de sujeitos historicamente marginalizados. Ao trabalharem com sinais produzidos em vídeos reais, glossários dinâmicos e práticas de sistematização fundamentadas na experiência, os acadêmicos são introduzidos à complexidade do campo tradutório, que requer tanto o domínio da língua quanto o reconhecimento das condições concretas de sua enunciação. Essa preparação será retomada na próxima seção, que discutirá como a formação intercultural e o contato entre línguas são tematizados na disciplina, em especial nas atividades voltadas à construção de identidades e à escuta das diferenças.

4.3 Mediação intercultural e sentidos de diferença

A formação intercultural de tradutores-intérpretes de Libras exige uma abordagem que considere a língua de sinais não como um sistema fechado, mas como uma prática discursiva atravessada por relações de poder, deslocamentos e negociações identitárias. Quando se consideram a coexistência e o contato constante entre a Libras e a língua portuguesa, sobretudo em contextos institucionais, torna-se necessário reconhecer que o trabalho tradutório se realiza em zonas de fronteira, nas quais sentidos e pertencimentos são constantemente renegociados. Skliar (2003) defende que a surdez deve ser compreendida não como falta, mas como diferença constitutiva, sendo a língua um dos principais marcadores dessa alteridade. Ao lado disso, Hall (2003) argumenta que as identidades culturais são produzidas nas tramas discursivas, e não fixadas biologicamente ou essencializadas. Nesse cenário, a disciplina Linguística da Libras pode contribuir com uma formação crítica, desde que articule a descrição linguística ao reconhecimento da diversidade de sujeitos e vozes que atravessam a experiência de tradução.

Na prática cotidiana dos sujeitos surdos, é comum observar a presença de múltiplos recursos linguísticos, como sinais caseiros, português sinalizado, variações regionais e adaptações contextuais, que desafiam qualquer concepção normativa de língua. De Meulder *et al.* (2019) evidenciam que a prática de translanguagem entre surdos não se limita à alternância entre códigos, mas constitui modos próprios de significar que articulam visualidade, corporeidade e gesto. Essa realidade impõe à formação de intérpretes o desafio de lidar com a

heterogeneidade sem reduzi-la a desvios ou ruídos. Bakhtin (2003), ao tratar da multiplicidade de vozes nos discursos, reforça que a linguagem é sempre socialmente tensionada, de modo que não há enunciado neutro ou puramente técnico. Nesse contexto, o tradutor, conforme afirma Venuti (2021), precisa ter sua visibilidade resgatada na formação – não como figura centralizadora, mas como agente mediador consciente das marcas culturais e linguísticas que compõem os sentidos. Assim, formar para o contato de línguas implica formar para a escuta da diferença.

Ao examinar os planos de aula da disciplina Linguística da Libras, observa-se que temas como variação linguística, iconicidade e estrutura da Libras são abordados desde os primeiros encontros, o que sinaliza uma tentativa de situar a língua em sua diversidade e uso. No entanto, apesar da menção à variação e aos contextos de uso, as proposições que problematizam o contato entre línguas e os atravessamentos culturais que permeiam as práticas tradutórias poderiam receber mais atenção. Nesse aspecto, Bhabha (1998) contribui ao propor que a cultura é sempre vivida no entrelugar, espaço em que os sentidos se deslocam e são constantemente negociados. Assim, quando não propõe atividades que promovam uma análise dos deslocamentos identitários e culturais envolvidos na mediação entre Libras e português, a disciplina pode limitar a formação à descrição estrutural da língua, desconsiderando a experiência vivida da tradução como prática de fronteira.

Além disso, nos documentos analisados, é possível identificar um enfoque recorrente na organização dos parâmetros linguísticos da Libras, bem como ênfase menor em práticas pedagógicas que exponham os estudantes aos efeitos da interculturalidade. A ausência de atividades que envolvam, por exemplo, o cotejamento de discursos sinalizados em diferentes regiões, gêneros ou situações comunicativas pode limitar a compreensão da Libras como língua culturalmente situada. Hall (2003) aponta que a identidade é sempre relacional e construída discursivamente, o que exige dos intérpretes a capacidade de ler os sentidos que emergem em contextos marcados por pertencimentos diversos. Se o objetivo da formação é preparar intérpretes para atuar de forma crítica e sensível, então as atividades da disciplina precisam considerar não apenas a diversidade da Libras, mas também os modos como essa diversidade tensiona as fronteiras entre línguas e culturas. A articulação entre teoria linguística e experiências culturais concretas, portanto, deve orientar a seleção dos conteúdos e das metodologias formativas.

Com base nessas constatações, torna-se evidente que o fortalecimento da formação intercultural na disciplina Linguística da Libras requer uma atenção mais sistemática às relações entre língua, identidade e contexto. A presença de elementos como variação, iconicidade e uso da Libras em diferentes situações comunicativas, embora já indicada nos documentos analisados, pode ser aprofundada com práticas pedagógicas que incentivem o engajamento crítico dos acadêmicos diante da multiplicidade cultural e linguística com que irão se deparar em suas atuações profissionais. Como enfatiza Skliar (2003), formar intérpretes é também formar leitores da alteridade, capazes de reconhecer os deslocamentos de sentido que se operam na linguagem do outro. Ao adotar essa perspectiva, o curso se aproxima de uma proposta formativa que compreende a Libras em sua dimensão política e discursiva. Na seção seguinte, serão discutidos os desafios e as potencialidades observados na organização da disciplina, com vistas a refletir sobre como esses aspectos podem contribuir para o aperfeiçoamento da proposta pedagógica e para a qualificação dos processos formativos.

4.4 Tensionamentos e possibilidades formativas

A análise da disciplina Linguística da Libras a partir dos documentos oficiais do curso Tecnólogo da FURG evidencia tanto avanços significativos quanto lacunas que ainda desafiam a consolidação de uma formação interlinguística e intercultural. A proposta didático-pedagógica apresenta uma base consistente nos níveis formais da língua, incluindo conteúdos de fonologia, morfologia e sintaxe articulados por meio de atividades como produção e análise de vídeos, comparação de sinais e glossários sinalizados. No entanto, conforme discutem Koch (2015) e Orlandi (2009), a formação linguística de um sujeito não se realiza apenas pela aquisição de estruturas, mas pela inserção em práticas discursivas concretas, nas quais o sentido é construído relacionamente. Assim, a abordagem da disciplina poderia ampliar sua potência formativa ao incorporar atividades mais voltadas aos usos reais da Libras e à enunciação situada, permitindo aos acadêmicos explorar como os sentidos emergem da interação entre sujeitos, contextos e intenções comunicativas.

Ao mesmo tempo, os planos de aula revelam um compromisso com a diversidade linguística da Libras, especialmente quando propõem atividades que envolvem variação, iconicidade e organização espacial dos sinais. Essas práticas indicam uma preocupação em valorizar a língua de sinais como um sistema linguístico complexo, visual e culturalmente situado. No entanto, quando tais atividades permanecem isoladas ou pouco articuladas a situações reais de tradução e interpretação, há o risco de esvaziamento do sentido formativo. Como observam Skliar (2003) e De Meulder *et al.* (2019), a Libras não pode ser compreendida fora das condições socioculturais que a constituem, pois ela carrega marcas identitárias, trajetórias de resistência e regimes de visibilidade específicos. Reconhecer essa dimensão histórica e política da língua implica propor práticas pedagógicas que conectem teoria, experiência linguística e posicionamento ético, contribuindo para que os estudantes se tornem intérpretes conscientes da mediação que realizam.

Essa necessidade de articulação entre dimensão teórica e experiência prática torna-se ainda mais evidente quando se considera que muitos acadêmicos ingressam no curso com perfis bastante distintos – alguns já atuantes como intérpretes, outros com pouca ou nenhuma vivência anterior com a Libras. Diante desse cenário, a disciplina Linguística da Libras ganha contornos ainda mais estratégicos: não deve apenas introduzir conceitos técnicos, mas também criar condições para que os estudantes reflitam sobre os usos sociais da língua, suas variações e implicações na prática tradutória. A partir da análise documental realizada, foi possível sistematizar limites e possibilidades observados na organização da disciplina, conforme apresentado no Quadro 4. Este quadro reúne aspectos relacionados à abordagem dos conteúdos, à diversidade de atividades propostas e às estratégias pedagógicas adotadas, apontando caminhos para o fortalecimento da formação interlinguística e intercultural dos intérpretes de Libras em formação.



Quadro 4 – Limites e possibilidades observadas na disciplina Linguística da Libras

Aspecto analisado	Limites observados	Possibilidades de ampliação	Autor de referência
Abordagem da pragmática	Pouca exploração como eixo autônomo nos planos de aula	Inserção de atividades voltadas à enunciação situada e análise de contexto	Koch (2015)
Integração teoria-prática	Atividades com teor regional dos contextos reais de tradução	Criação de situações simuladas de tradução com base em vivências reais da comunidade surda e suas variações regionais	Esqueda (2018)
Variação e identidade surda	Discussão restrita a momentos pontuais	Inserção de debates regulares sobre usos reais da Libras e contato de línguas	De Meulder <i>et al.</i> (2019)
Representação do sujeito intérprete	Ênfase na técnica linguística, com pouca abordagem do posicionamento ético	Valorização da escuta da diferença como eixo formativo	Ricoeur (2013), Skliar (2003)
Acolhimento de estudantes com perfis diversos	Necessidade de estratégias específicas de nivelamento linguístico	Planejamento de trilhas formativas flexíveis nos primeiros módulos do curso	Ildebrand & Fronza (2023)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A leitura cruzada dos dados apresentados no Quadro 4, em diálogo com os Quadros 2 e 3, permite visualizar de forma mais densa as tensões e possibilidades formativas da disciplina Linguística da Libras. Enquanto o Quadro 2 evidencia a abrangência temática da ementa e a presença de conteúdos fundamentais da linguística, o Quadro 3 revela estratégias didáticas que operam na articulação entre níveis linguísticos e práticas tradutórias. Já o Quadro 4 explicita o desafio de consolidar essa articulação em uma proposta formativa que leve em conta os perfis diversos dos acadêmicos e as exigências do campo profissional. Esses achados sugerem que a disciplina atua como eixo inicial da formação, ao mesmo tempo em que assume a responsabilidade de construir as bases para o desenvolvimento da escuta interlinguística e da escuta intercultural. Ao refletir sobre a coerência e a continuidade entre os diferentes planos, observa-se que o alinhamento entre conteúdos, atividades e finalidades formativas ainda pode ser mais intensamente explorado.

A presença de conteúdos como variação linguística e identidade surda nos planos de aula da disciplina sinaliza uma tentativa de introduzir os estudantes ao reconhecimento da diversidade interna à Libras e à experiência surda. No entanto, a análise indica que esses temas, embora mencionados, podem ampliar o aprofundamento reflexivo nos materiais didáticos. A variação, por exemplo, aparece de modo pontual em atividades de contraste entre sinais ou em discussões sobre regionalismos, mas ainda precisa ser articulada de forma mais situada com a ideia de identidade linguística como construção social e cultural (Skliar, 2003; De Meulder *et al.*, 2019). Do mesmo modo, o tradutor-intérprete é representado majoritariamente como mediador técnico, com pouca ênfase em sua agência discursiva e posicionamento ético diante das assimetrias comunicativas (Venuti, 2021; Ricoeur, 2013). A incorporação mais sistemática dessas dimensões pode ampliar o alcance formativo da disciplina, favorecendo uma atuação mais crítica, situada e responsiva por parte dos futuros profissionais.

A análise dos documentos oficiais, como os planos de aula e o Projeto Pedagógico do Curso, reforça a constatação de que há um compromisso institucional com a formação crítica de tradutores-intérpretes, mas esse compromisso demanda traduções pedagógicas mais situadas e responsivas às realidades de uso da Libras. Embora os planos de ensino mobilizem conceitos da linguística e proponham atividades práticas, nem sempre essas propostas dialogam diretamente com os contextos reais de atuação do intérprete, como apontam as análises anteriores. O PPC, ao enfatizar a importância da atuação ética e da consciência sociolinguística, oferece diretrizes consistentes que podem orientar e sustentar as escolhas didáticas observadas nos planos de ensino. A relação entre os enunciados institucionais e as práticas efetivas da disciplina deve ser compreendida como um campo de possibilidades a serem exploradas e intensificadas. A existência de fundamentos teóricos robustos e de um desenho curricular coerente com as exigências da formação interlinguística e intercultural aponta para o potencial de consolidar práticas que articulem teoria e experiência tradutória de modo mais sistemático. Ao reconhecer essa margem de aprimoramento como oportunidade, fortalece-se o compromisso com uma formação crítica, situada e responsiva às diferenças.

Ao considerar as análises desenvolvidas nesta seção e sua articulação com os fundamentos teóricos anteriormente discutidos, torna-se evidente que os desafios identificados na disciplina Linguística da Libras não indicam ausência de conteúdo ou fragilidade pedagógica, mas sinalizam possibilidades de fortalecimento por meio da aproximação entre teoria, prática e escuta da diferença. Como destacam Hall (2003) ao discutir os processos de construção identitária na contemporaneidade e Skliar (2003) ao abordar a alteridade como eixo ético-político da educação, é essencial que a formação de tradutores-intérpretes de línguas de sinais considere a multiplicidade de vozes e pertencimentos que atravessam as práticas linguísticas. Complementarmente, Bhabha (1998) propõe que a mediação ocorre nos entrelugares culturais, exigindo do intérprete uma postura sensível aos deslocamentos linguísticos e discursivos. Dessa forma, a disciplina analisada, por ocupar posição inicial no percurso formativo do curso, mostra-se como espaço estratégico para ampliar práticas contextualizadas e coerentes com os desafios reais da tradução e da interpretação. Com base nessas reflexões, seguem-se as considerações finais do estudo, nas quais se retomam os objetivos propostos e se apontam contribuições e desdobramentos possíveis para o aprimoramento da formação de tradutores-intérpretes de Libras.

5 Considerações finais

Os dados analisados ao longo do estudo permitem afirmar que a disciplina Linguística da Libras, no contexto do curso Tecnólogo da FURG, apresenta contribuições para a construção da competência interlinguística e, em menor medida, da competência intercultural de tradutores-intérpretes em formação inicial. A articulação entre plano de ensino, ementa, objetivos e planos de aula revela um compromisso com a descrição estruturada da Libras, que prioriza conteúdos fonológicos, morfológicos e sintáticos. No entanto, conforme discutido por Orlandi (2009), Esqueda (2018) e Koch (2015), a competência tradutória crítica não se realiza apenas no domínio das estruturas, mas na compreensão das condições discursivas que produzem sentidos. A presença ainda pontual de atividades voltadas à pragmática, à variação linguística e à mediação intercultural indica que há espaço para ampliar a inserção dos estudantes em práticas contextualizadas de escuta, análise e tradução. Assim, a disciplina analisada oferece um ponto de partida relevante, que, no entanto, pode ser intensificado a partir de escolhas pedagógicas mais situadas.

Ao longo das análises, foi possível observar que os documentos oficiais se alinham aos fundamentos de Hall (2003), que problematiza a constituição discursiva das identidades; de Skliar (2003), que valoriza a alteridade como princípio formativo; e de Bhabha (1998), que propõe o entrelugar como espaço de mediação cultural. Os dados extraídos dos planos de ensino e de aula, por sua vez, evidenciam práticas didáticas ainda predominantemente descritivas e analíticas da Libras, como apontado por autores como Quadros, Silva e Royer (2020), Ferreira-Brito (1995) e De Meulder *et al.* (2019), que destacam a visualidade e a diversidade da Libras como elementos centrais à formação. Ao confrontar esses elementos com as proposições teóricas, identifica-se uma convergência em relação à importância dos conteúdos linguísticos, mas também uma demanda por práticas que incluam a heterogeneidade dos estudantes e os desafios reais da atuação tradutória, especialmente no que se refere à escuta da diferença e à mediação ética.

A disciplina Linguística da Libras, ao introduzir os fundamentos estruturais da língua de sinais e promover o contato inicial com seus parâmetros visuais e espaciais, contribui de forma relevante para a consolidação da competência interlinguística dos estudantes. Quando articulada a estratégias de ensino que valorizam a variação linguística, a iconicidade e a construção discursiva dos sentidos, a disciplina permite que os intérpretes em formação desenvolvam sensibilidade linguística e consciência analítica. Autores como Koch e Elias (2006), Ricoeur (2013) e Orlandi (2009) reforçam que essa consciência é indispensável para uma mediação linguística ética e responsável, pois implica compreender o funcionamento da linguagem em sua materialidade e nos contextos de uso. Embora ainda haja desafios quanto à integração entre teoria e prática, os dados evidenciam que a disciplina é um espaço formativo estratégico para iniciar discussões sobre identidade, diferença e os sentidos que emergem do contato entre línguas e culturas.

Diante dos tensionamentos identificados, recomenda-se que a disciplina de Linguística da Libras amplie estudos de práticas pedagógicas voltadas à pragmática e à enunciação situada, inserindo os estudantes em atividades que articulem tradução, cultura e contexto. A criação de trilhas formativas adaptadas aos diferentes perfis dos alunos, conforme sugerem Ildebrand e Fronza (2023), pode favorecer um percurso mais equitativo e sensível às trajetórias diversas. Para além da disciplina analisada, futuras pesquisas podem investigar como os demais componentes do curso dialogam com a formação intercultural e como os egressos avaliam sua preparação para lidar com a complexidade discursiva da prática tradutória. Além disso, o aprofundamento de estudos que articulem os campos da Linguística Aplicada e dos Estudos da Tradução, à luz da Libras e da educação bilíngue, pode contribuir para o fortalecimento de propostas curriculares mais integradas e responsivas aos contextos sociais nos quais atuam os tradutores-intérpretes.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Aberta do Brasil e à Universidade Federal de Rio Grande.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

